

P R O C Ó P I O

O
ATOR
VASQUES

O HOMEM E A OBRA



* Este livro foi composto e
impresso nas oficinas de
José Magalhães, á Rua
Quirino de Andrade, 59
São Paulo - 1939

Advertência
de
Francisco Correia Vasques
quando publicou
"Orfeu na roça"

"ANTES DA LEITURA.

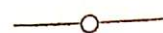
Fiz imprimir o "Orfeu na roça" para que o público pudesse apreciar mais de perto o espírito da paródia, se é que o tem.

A poesia tem grandes defeitos, não me envergonho de o dizer, não sou poeta e a música forçou-me ainda a maiores defeitos.

Feita esta explicação, fico com a minha consciência tranquila e dou plena desculpa às linguas da crítica oficial.

Rio, 31 de Outubro de 1868.

F. C. VASQUES". (67)



ORFEU NA ROÇA

Paródia em 4 atos,

da Ópera

"ORFEU NOS INFERNOS"

por

FRANCISCO CORREIA VASQUES

(67) - "O Orfeu na roça" — Paródia em 4 atos da ópera "O Orfeu nos Infernos", por F. C. Vasques. — Segunda edição. — Rio de Janeiro — À venda na livraria de Cruz Coutinho. — Rua de S. José n.º 75. — 1873.

O ATOR VASQUES

Representada pela primeira vez no
"FENIX DRAMÁTICA", a 31 de Outu-
bro de 1868.

Rio de Janeiro.

Ao Diretor da Fenix

FRANCISCO CORREIA VASQUES

os

artistas contratados da Fenix

E. F. da Câmara
Joaquina Oldemburgo
Matilde Moretti
Franc.º H. Lisboa
J. J. Ferreira
F. R. de P. Aroeira
G. Malaquias
M. J. R. de Carvalho
A. J. Nunes Pinto
André Avelino
Mel. Agto. de Sousa Roiz
I. Cardoso de Barros
Ant.º S. Rangel
Tiago H. Carmongia

17 de Dezembro de 1868.

PERSONAGENS:

NA ÓPERA

Aristeu
Plutão
Júpiter
Orfeu
John Styx

NA PARÓDIA

Tadeu (vendedor de mel de abelhas).
Manoel João (escrivão de Juiz de Paz).
Mamede de Sousa (Juiz de Paz)
Zeferino Rabeca (Barbeiro da Freguesia)
João (idiota. Feitor de Manoel João. Imperador do Divino em criança).

O ATOR VASQUES

Mercúrio	Constantino (compadre de Mamede)
Baco	Um Inglês (ex-empregado de estrada de ferro).
Netuno	José Nuno (pescador d'água doce).
Marte	Antônio Marques (capitão reformado).
Morfeu	Joaquim Preguiça
Hércules	Antônio Faquista
Eurídice	D. Brígida (mulher de Zeferino)
Diana	D. Ana (velha fazendeira com a mania de apanhar gambá).
Opinião Pública	Um pedestre.
Juno	D. Engrácia (mulher de Mamede)
Venus	D. Deolinda (irmã de Mamede).
Cupido	Quinquim das moças (filho de Deolinda)
Deuses e Deusas	Moleques e Negrinhas (da fazenda) Moças e Moços (amigos da casa).

DENOMINAÇÃO DOS ATOS

ATO 1.º

Na Ópera. *A morte de Eurídice.*
Na Paródia. *O rapto de D. Brígida.*

ATO 2.º

Na Ópera. *O Olimpo.*
Na Paródia. *Audiência em casa do Juiz de Paz.*

ATO 3.º

Na Ópera. *Um Rei da Beócia.*
Na Paródia. *Um Imperador do Divino. O Juiz de Paz transformado em galo.*

ATO 4.º

Na Ópera. *Os Infernos.*
Na Paródia. *Noite de S. João em casa de Manoel João.*

A ação passa-se na roça na província do Rio de Janeiro.

Época 18...

ATO 1.º

O RAPTO DE BRIGIDA

Campo. Ao fundo grande capinzal, tendo um banco de pedra, de forma que seja visto pelo espectador. À esquerda casa da roça, de Tadeu com o seguinte letreiro: "FABRICANTE DE MEL DE ABELHAS, DEPÓSITO NA CÔRTE". À direita casa de Zeferino, com uma grande taboleta onde se lê o seguinte distico por baixo de uma grande navalha: "VENDEM-SE e APLICAM-SE BOAS BICHAS".

CENA I

Antes da ação

O PEDESTRE

Quem sou eu? da polícia antiga
Dos pedestres, perfeição!
Todo o mundo meus passos siga,
Porque hoje nesta intriga
Do publico, serei — opinião.

Sou pedestre, bem sei, mas sou honrado,
Gozando neste lugar grande influência
Guio fielmente o bem, puno o malvado,
Minha espada simboliza — a Providência.

Julgando o mundo hoje venho,
Com minha cortante espada,
Resolver se esta paródia
Merece ser estimada.

Preto fugido agarrar,
Evitar no matrimônio,
Que a mulher possa enganar

Seu marido, qual demônio;
Eis o que vou praticar,
Quando, na peça, falar!

Aí chega a mulher do Zeferino
Vem procurar falar ao tal Tadeu
Mas, antes que ofenda a sã moral,
Aqui está — a opinião — aqui estou eu!

(Sai).

CENA II

BRÍGIDA, só. (colhendo espigas de milho).

A moça, cujo peito,
Amor, sente bater,
Não dorme, deixa o leito
Ao alvorecer.

Nestas horas são amigas,
Das quatro, às seis
Eu colho estas espigas,
Pra quem são, sabeis? (bis)
Sabeis, ouvi, ouvi,
Não digais nada a meu marido.
E' pra o meu querido (bis)
Que mora aqui
Não digais nada a meu marido.

Assim eu sempre tenho,
Para o meu amor,
Lindas espigas, que venho
Deixar com temor.

Palpita pois meu peito
Uma, duas quatro, seis...
Por quem tão grande efeito?
Por quem é, sabeis? (bis)

Sabeis, ouvi, ouvi,
Não digais nada a meu marido, etc. etc..

(Falando) — Ainda não veio, ao menos quando chegar, encontrará esta prova do meu amor. (Pendura um rosário de espigas de milho na porta de Tadeu).

CENA III

BRÍGIDA E ZEFERINO RABECA

ZEFERINO (aparecendo)

Quem será? querem ver que é a Josefa da Cancela que me procura? Demos o sinal de que ela tanto gosta. (toca na rabeca).

BRÍGIDA

Meu marido!
Minha mulher! oh diabo! antes que ela se encrespe comigo, encrespo-me eu. (dirigindo-se a ela) - Até que apanhei-a, hein?

BRÍGIDA

Em que, não me dirá?

ZEFERINO

Para quem são aquelas espigas de milho, minha senhora?

BRÍGIDA (atrapalhada)

Estas espigas?... estas espigas... são para o nosso papagaio.

ZEFERINO

Essa arara não engulo eu: — periquito come milho, papagaio leva a fama!

BRÍGIDA (com resolução)

Você quer saber uma cousa, Sr. Zeferino, eu já estou cansada de o aturar; vá vendo se as suas bichas pegam, que eu irei dando as minhas espigas a quem quiser.

ZEFERINO

Senhora Brígida, isso não se diz!

BRÍGIDA

Então porque? faz mal a gente não gostar de seu marido? A moléstia é da moda.

ZEFERINO

Eu já não a vejo bem.

BRÍGIDA

Pois ponha óculos, sr. Zeferino, ponha óculos.

ZEFERINO

Senhora, minha mulher!

BRÍGIDA

Ah! você arregala os olhos! Pois ouça: — eu não lhe pedi que casasse comigo, eu já sabia antes de casar com o senhor o que era o matrimônio — meu marido, que Deus haja, já mo tinha feito conhecer. O senhor me iludiu, disse-me que era um grande rabequista do Alcazar, lá na Côrte, que havia de me levar para lá, que eu seria muito feliz! Por fim de contas, deixa-se ficar na roça, vendendo e aplicando bichas, fazendo a barba aos outros, e nas horas vagas aborrece-me com a sua rabeca, querendo-me fazer acreditar que é um grande rabequista, quando não passa dum arranhador de tripas.

ZEFERINO

Não toque no meu instrumento, senhora, não toque.

BRÍGIDA

Ora adeus, não me aborreça. (Cantam - dueto).

ZEFERINO

Pois é assim?

BRÍGIDA

Certo que sim.

ZEFERINO

Queres então zombar de mim?

BRÍGIDA

Certo que sim!...

ZEFERINO

E me desprezas como artista?

BRÍGIDA

Certo que sim!

ZEFERINO

Um rabequista?

BRÍGIDA

Mui me contrista
O instrumentista
De nada val,
E sempre mal
Parece um instrumento tall!

ZEFERINO

Ah! de ti sem tardança
Hei de tirar vingança.

BRÍGIDA

Como assim a terás?

ZEFERINO

Por mim já ouvirás
O que eu vou tocar,
Concêrto que acharás
De gênio singular.

BRÍGIDA

Não, não, deixa-te estar.

ZEFERINO

Nada, nada, ouve lá.
D'arte o cúmulo será,
Para a hora e quarto dá!

BRÍGIDA

E quarto, e quarto, ah!

ZEFERINO

Pelo menos, pelo menos, pelo menos.

BRÍGIDA

Hi! tá, tá, tá, tá, tá!

ZEFERINO

Sim, sim, escuta lá.

BRÍGIDA

Hi! tá, tá, tá, tá, tá, tá!

(Zeferino toca rabeça, Brígida tapa os ouvidos com desespero gritando) — Ai, ai — ai, ai!

(Juntos)

BRÍGIDA

E' deplorável!
E' destestável!
Oh! que sofrer
Que faz morrer.
Ah, ah, ah, ah!

ZEFERINO

E' adorável!
E' delectável!
Oh! que prazer
Que faz morrer!
Ah, ah, ah, ah!

BRÍGIDA

E' detestável!
Oh! que sofrer
Ah!...

ZEFERINO

E' adorável!

BRÍGIDA

Oh! que sofrer!
Que faz morrer.
Ah...

ZEFERINO

E' adorável!

BRÍGIDA

Ah, ah, ah!
Ah, ah, ah!

ZEFERINO

Oh! que prazer
Ah, ah, ah!

BRÍGIDA

Oh! que sofrer
Que faz morrer.

ZEFERINO

Escuta ainda êste primor,
De encanto, e de amor. (*tocando novamente a rabeça*).

BRÍGIDA

Ah! senhor, ah! que suplício!
Veja se a isso dá fim!
Eu não posso por mais tempo
Aturar marido assim.

Ah! que suplício!
Veja se a isso dá fim
Não posso por mais tempo
Aturar marido assim.

(*À parte*) - Ora eu que já enterrei um, não me seria possível enterrar mais êste?

ZEFERINO (*à parte*)

Se esta mulher morresse duma indigestão! que grande pechincha. (*Alto*) - Senhora D. Brígida Policarpa de Sousa, sinto

dizer-lhe que a senhora galopa na estrada da desmoralização, mas não me ilude, eu estou alerta, e então...

BRÍGIDA

Pois desquite-se, separe-se, de mim.

ZEFERINO

Eu o fazia de boa vontade se isto não prejudicasse a posição que tenho adquirido à custa das minhas sanguessugas e das minhas navalhas. O Chico da venda, muito honrado pedestre, e que com tôda a justiça tem adquirido o título de - opinião pública - nesta freguesia, mo impede. Se eu escandalizar o mundo, onde quer a senhora que eu aplique as minhas sanguessugas? Onde quer que eu faça a barba? A senhora não me ilude, torno a repetir, e fique certa que eu hei de cortar as vasas ao tal tratante.

BRÍGIDA

Com as suas navalhas?

ZEFERINO

Não preciso dizer com que, basta só que saiba disto. Êle que se deixe de andar querendo meter o dente no capim alheio, como tem feito, desde que veio morar ali defronte.

BRÍGIDA

E quem o impedirá?

ZEFERINO

Quem? Uma coisinha que eu guardei ali no capinzal.

BRÍGIDA

O que é que diz?

ZEFERINO

Nada, nada, adeus. Vou pôr umas bichas em D. Joana do Sítio, que caiu ontem duma pinguela em baixo... Adeus, hein? Toma sentido, uma coisinha ali dentro... adeus. (*sai*).

CENA IV

BRÍGIDA, só.

Que diabo quererá êle dizer com a sua coisinha? Querem ver que armou algum laço de gambá no capinzal, e o Snr. Tadeu que costuma vir por ali para conversar comigo, é capaz de cair na armadilha! Nada, nada, corramos ao seu encontro. (sai).

CENA V

TADEU, depois BRÍGIDA

TADEU (canta)

Eu sou êsse Tadeu, lá da cidade morador,
Ébrio de melodia, de mel fabricante,
Contente dos prazeres, que tu, oh! céu nos dás
A quem como eu no mundo foi sempre bom rapaz.

Ver debaixo das latadas,
Suspensas no ar,
As abelhas cumuladas
Seu mel fabricar,
Ver depois gritando
Ao romper da manhã,
O meu negro apregoando:
Mel d'abelha, nhã-nhã!

Eis aquí a sorte,
De um desgraçado!
Nas ruas da côrte
Vendendo melado.

Ver um burro pastando,
No campo a saltar!
E eu só desejando.
Também me espojar!

Ver depois a namorada
Lavando o roupão!
Para a gente, virada,
Dar-lhe um beliscão!

Eis aquí a sorte,
De um desgraçado!
Nas ruas da côrte
Vendendo melado.

(Falando) — Ora aí está, todos me julgam fabricante de mel d'abelhas, não desconfiam que eu moro a duas léguas daqui, que sou escrivão do Juiz de Paz e negociante de secos e molhados. — O pobre barbeiro, que mora aí, foi ontem aconselhar-se comigo a respeito de suas desavenças conjugais; se êle aceitou o meu conselho, creio que lhe darei uma lição de mestre! Mas aí vem a bela Brígida, façamos com que ela não perceba que eu passei pelo capinzal.

BRÍGIDA (aparecendo)

Ah! ei-lo aquí, cheguei a tempo. (baixo) - O' seu Tadeu, seu Tadeu, tome sentido!

Em que?

TADEU

Em si...

BRÍGIDA (baixo)

Oh! lá!... Porque?

TADEU

Faz-me dó! (Alto) - Fale mais baixo! Adeus!

TADEU

Sim! Então espere. (quer entrar no capinzal).

O ATOR VASQUES

BRÍGIDA

Não se mexa daí!

TADEU

Como diabo, então, nos havemos intender?

BRÍGIDA

Não se aproxime de mim, eu lho peço.

TADEU

Que timidez é essa, hoje?!

BRÍGIDA

Não se trata de mim, trata-se da sua vida! se dá um passo, morre!

TADEU

Como assim?

BRÍGIDA

Meu marido sabe tudo, êle nos espiou e dispôs armadilhas no meio dêste capinzal, testemunha dos nossos amores!

TADEU

Um!...

BRÍGIDA

Tal e qual!

TADEU

(Consigo) — Que bruto!... Preveniu-a, todos êstes maridos são assim! (alto) — Queres ver como eu zombo das suas armadilhas? olha. (principia a pular no capinzal),

BRÍGIDA (assustada)

Olhe que o senhor morre, seu Tadeu!



Medalhas comemorativas da inauguração do monumento a João Caetano dos Santos, mandadas cunhar por Correia Vasques.

TADEU

Não morro não, *seu* bem, e quando morresse dava por bem empregado, morria por ti.

BRÍGIDA

Nesse caso morramos juntos. (*Caminham ambos pelo capinzal e cantando ao mesmo tempo*)

AMBOS

Quando eu morrer, ninguém chore a minha morte
Descansem meu cadáver, sôbre o leito
E levem-na bem triste, as tranças sôltas,
E deixem-na chorar sôbre meu peito.

Ail...

BRÍGIDA (*grita*)

O que é?

TADEU

Cai na ratoeira, estou presa!

BRÍGIDA

E mais do que pensas, vou magnetizar-te. (*Música*).

TADEU

Meu Deus, o que sinto!

BRÍGIDA

TADEU (*depois de a sentar*)
Manoel João, torna ao que és; uma, duas, três!... (*tira o cã-
saco, aparece vestido de escrivão e coloca nas orelhas duas
enormes penas de ganço*). — Agora vamos a ver se eu arranjo
uma tempestade. (*Falando para dentro*) — O' Sr. Contra-
regra, faz favor?

CONTRA-REGRA (*aparecendo*)
Que deseja, meu amigo?

TADEU

O senhor me pode arranjar aí um pouco de trovoada simples?

CONTRA-REGRA

Pois não, essa é boa!

TADEU

Muito obrigado. *(aperta-lhe a mão, e dá-lhe um pontapé na ocasião em que ele se volta. - Trovoada)* — Ora aqui está como se arranja uma trovoada do pé para a mão.

BRÍGIDA

Oh! meu Deus, dar-se-á caso que eu vá morrer por causa do apêrto da ratoeira?

MANOEL JOÃO

Certamente, estás morta.

BRÍGIDA

Entretanto já não sofro mais.

MANOEL JOÃO

Estás magnetizada!

BRÍGIDA

E' extranho!

MANOEL JOÃO

E' lógico!...

BRÍGIDA *(canta)*

Risonha me parece a morte
Ferindo-me junto de ti...
Ela seduz-me, e em transporte
Chamo-a, que me leve daqui!

Estou oh morte, embriagada!

Teu frio não me faz sofrer;
Parece-me que arrebatada
Vou nova vida agora ter.

(falado) - Adeus!... adeus!... *(senta-se)*.

MANOEL JOÃO

Bom! pronto!... Antes, porém, da partida, abusemos do poder do magnetismo para desafiar o marido. *(Fá-la levantar, dá-lhe uma pena, e ela escreve na porta da casa de Zeferino, o seguinte)*:

"Deixo esta habitação

Porque a morte me pega;

Tadeu é — escrivão

E o diabo me carrega."

(Recitado por Manoel João) — A rima não é muito boa, mas não faz mal; eu vivo das letras, porém não sou poeta. Vamos por aqui, para não sermos encontrados. *(Sai com Brígida)*.

CENA VI

ZEFERINO, *(só)*

(Todo molhado) — Ora abóbora, estou mesmo como um pinto molhado, pobre de minha rabeca, desta vez é impossível que se não desgrude. Vamos mudar de roupa. *(Dando com o escrito)* — Olá!... que quer isto dizer? A letra é de minha mulher! *(lê alto o que está escrito)*

"Deixo esta habitação

Porque a morte me pega;

Tadeu é — escrivão

E o diabo me carrega."

— Como, morta? então minha mulher morre sem me avisar para comprar luto? Foi o diabo que a carregou! também só

êle é que podia fazer êste obséquio! Com que, eu estou viúvo? viúvo?!... *(dansando e cantando)*:

Ora bravo de mim, só, só,
Laranja da China, tabaco em pó!

(Vai a sair e encontra o Pedestre).

CENA VII

ZEFERINO e PEDESTRE

PEDESTRE
Alto lá! não se passa!

ZEFERINO
Bom! Ai temos a — Opinião Pública!

PEDESTRE
Sim, sou eu a — Opinião Pública — o Chico da venda — o pedestre mais velho cá da freguesia que te impede de continuares nessa alegria inconveniente.

ZEFERINO
Que queres dizer?

PEDESTRE
Hás de ir comigo à audiência, aos pés do nosso Juiz de Paz, de quem reclamarás tua espôsa.

ZEFERINO
Eu reclamar uma defunta!

PEDESTRE
Qual defunta, seu Zeferino, você parece tolo! sua mulher foi raptada pelo Manoel João!

ZEFERINO
Que importal Não vou!

PEDESTRE

Para exemplo é preciso que haja um marido, que tenha querido reclamar sua mulher!

ZEFERINO

Mas eu não gosto mais dela.

PEDESTRE

O exemplo será mais tocante.

ZEFERINO

Já disse: não quero!

PEDESTRE

Recusas? Pois bem, treme da minha vingança, vou desacreditar tuas sanguessugas, vou dizer que as tuas navalhas não prestam, que não sabes sangrar, que não sabes tocar rabeça, que...

ZEFERINO

Não, não, piedade, piedade!

PEDESTRE

Pois então, vem! *(cantado)*

Vem! a honra te convida?

E honra precede o amor?

Vem, hei de guiar-te na ida

E na volta com fervor.

ZEFERINO

Vou! A honra me convida!

E a honra precede o amor!

Acompanho-te na ida

E na volta com fervor!

(Juntos)

<p>ZEFERINO</p> <p>Maldito tu sejas Seguindo-me assim Marchemos, marchemos, Cuida de mim. Ah, vem! A honra me convida, etc..</p>	<p>PEDESTRE</p> <p>Serei um guia fiel Do principio, até o fim, Marchemos, marchemos, Confia-te em mim. Ah, vamos? A honra te convida, etc..</p>
--	---

FIM DO PRIMEIRO ATO.

ATO 2.º

AUDIÊNCIA EM CASA DO JUIZ DE PAZ

Casa de Mamede. Mesa ao fundo, cadeiras, etc. etc..

CENA I

MAMEDE, D. ENGRACIA, ANTÔNIO MARQUES,
JOSE' NUNO, O INGLÊS, CONSTANTINO, JOA-
QUIM PREGUIÇA, ANTÔNIO FAQUISTA, MOLE-
QUES E NEGRINHAS da fazenda, MOÇOS E MO-
ÇAS amigos da casa, depois QUINQUIM, DEOLINDA
e D. ANA.

Todos dormem, à exceção de Joaquim Preguiça que passeia
de um lado para o outro, abrindo a bôca.

CÔRO (sonhando e roncando)

Ninguém pode resistir
A tamanha sonolência;
Toca a dormir, minha gente,
Que hoje é dia de audiência.
Ninguém pode resistir

A tamanha sonolência,
Ah!...

QUINQUIM (*entrando devagar pela Direita*)

Eu sou o Quinquim das moças,
Por elas eu sou querido!
Com justiça até me chamam
Das meninas — o Cupido.
Está tudo dormindo!
Não me viram entrar,
Eu posso portanto
Também cochilar!

CÔRO

Ah!...

DEOLINDA (*entrando devagar pela Direita*)

Eu sou a mamãe do Quinquim,
Minha glória é de invejar!
Tôda a moça que é bonita
Quer meu filho namorar.
Está tudo dormindo!
Não me viram entrar,
Eu posso portanto
Também cochilar!

CÔRO

Ah!...

MAMEDE (*acordando*)

Com os diabos, que motim,
Quem é que me acorda assim?
Quando estou na audiência?
Já me falta a paciência...
Eh! lá! toca tudo a levantar!

CÔRO

Ah!...

(Todos acordam, abrindo a bôca, levantam-se e descem).

MAMEDE

Mas não me façam zangar,
Já me falta a paciência
De aturar numa audiência
Tanta gente a dormir.

CÓRO

Aí vem sinhá D. Ana.

D. ANA

(Entrando mui triste com uma espingarda na mão)

DEOLINDA

Porque estás tão triste agora?

CÓRO

Porque estás tão triste agora?

D. ANA

Ah! quem me dera eu estourar!
Se no mato D. Ana é amena
Tontena, tontena, tontena,
E' por ver seu querido João,
Tontena, tontena, tonton!
Junto à fonte que corre serena
Tontena, tontena, tontena,
E' que encontra D. Ana o João,
Tontena, tonton!

CÓRO

E' que encontra D. Ana o João!

D. ANA

Ora hoje no mato amena
Tontena, tontena, tontena!
Fui ligeira encontrar o João.

Tontena, tontena, tonton!
Mas junto à fonte ah que pena!
Tontena, tontena, tontena!
Eu não vi o meu caro João!
Tontena, tontena, tonton!
Tontena, tonton!

CÓRO

Ela não viu o seu caro João!

D. ANA

Eu não vi o meu caro João!

(Falado)

Ah! com certeza deixo de apanhar gambás! Que prazer posso eu achar mais na caça? Pobre João, o que lhe aconteceria?

MAMEDE

Que lhe aconteceu? Eu lhe digo: a senhora D. Ana, rica fazendeira desta freguesia, não podia continuar a comprometer-se com êsse rapaz; e eu na qualidade de Juiz de Paz e de futuro deputado, desembarcei-me dêle.

D. ANA

E de que modo?

MAMEDE

Recrutei-o e mandei-o para a Côrte afim de seguir para o Paraguaí como — Voluntário da Pátria, fazendo acreditar que era a seu pedido que assim praticava.

D. ANA

Oh! não! não!

MAMEDE

Disse-o, por honra, cá da freguesia; tenham cuidado, meus senhores, os jornais da opposição estão com os olhos em nós! Salvem ao menos as aparências, nisso vai tudo!

D. ANA

E o senhor que fala tanto em aparências, porque não as salva? Julga por acaso que as suas proezas não são conhecidas? Nestes arredores não se conhece um velho Juiz de Paz mais brejeiro do que o senhor.

D. ENGRÁCIA (*enciumada*)

Que lhe dizia eu, Sr. Mamede?

MAMEDE

Não acredite, Sra. D. Engrácia, são calúnias, são os jornalistas do partido contrário, que espalham estas notícias para me tirarem a força moral.

D. ENGRÁCIA

Não há tal, eu bem te conheço, meu cupido grisalho, monstro, surucucú! (*A D. Ana*) — Conte-me o que sabe, sinhá D. Ana.

MAMEDE (*intervindo*)

Senhora, não dê espetáculos perante o mundo; há tempo para tudo, deixem-me tratar dos negócios da freguesia; as eleições estão à porta e eu não quero ficar desacreditado. Onde está o Sr. capitão Antônio Marques?

ANTÔNIO MARQUES

Pronto, Sr. Mamede.

MAMEDE

Mandei-o chamar porque me consta que o senhor ontem, depois das Ave-Marias esteve conversando na cêrca do fundo com a senhora minha irmã.

DEOLINDA

E' falso, fui ver se o moleque já tinha ido buscar o café.

MAMEDE

Seja verdade ou não, para mim é o mesmo; namorem-se, casem-se, mas com decência; a senhora é uma viúva, deve aten-

der à gravidade de sua situação, não me desmoralizem a freguesia, não ma desmoralizem!

DEOLINDA (*à parte*)

Este mano é um tirano!

MAMEDE

Onde está o senhor meu sobrinho?

QUINQUIM (*aparecendo*)

Aquí estou, meu tio.

MAMEDE

Então é o que eu digo ou não? O menino estava brincando com a cozinheira e o feijão lá dentro a queimar-se! (*falando para dentro*) — Salta daí para fora. (*Segura Quinquim pelas orelhas*) E você, senhor meu sobrinho, se continua com as suas travessuras a entrar-me de madrugada para casa, meto-o no tronco e faço-o sentar praça! Ora tome sentido! Vamos, cada um vá para o seu trabalho e daqui a pouco o feijão estará na mesa! Ninguém falte ao almoço. (*murmúrios*) — Hein? que é lá isso?! vamos a ter república?!

QUINQUIM (*baixo a Deolinda*)

O' mamãe, isto não pode continuar!

DEOLINDA

Eu também já estou muito aborrecida.

D. ANA

E eu então, estou com uma vontade de mudar-me para a cidade.

QUINQUIM

Tenho uma idéia, mamãe. Ninguém vem hoje ao almoço, e nas próximas eleições eu me comprometo a dar com êle em terra!

MAMEDE

Então vocês não ouviram? Hein?!... (Saem murmurando).

CENA II

MAMEDE, depois ENGRÁCIA

MAMEDE

Por minha fita de Juiz!... muito custa a levar esta súcia, perco a cabeça! e, se não fôsse a minha futura eleição, mandava ao diabo o juizado e a freguesia! No meio de tôdas estas atribulações, a que vive sujeito um honrado juiz de paz, tenho de aturar a senhora minha mulher, verdadeiro carrapato que eu tenho às costas... há tanto marido a quem furtam as mulheres! só eu... Caluda! aí vem ela!... Ah! és tu, minha consolação!... que tens, que novidades há?...

D. ENGRÁCIA

Ainda pergunta?!... Senhor Mamede, isto não pode continuar... que vida é esta, Sr. Mamede! que vida é esta?!...

MAMEDE

Que foi? que fiz! vejamos?!...

D. ENGRÁCIA

O senhor não me ilude; não se fala por tôda a freguesia nas suas proezas?... Elas chegaram-me aos ouvidos!

MAMEDE

E então?...

D. ENGRÁCIA

Diz-se por tôda a parte, que a mulher do barbeiro, que mora a duas léguas distante daqui, foi raptada pelo senhor!

MAMEDE

Por mim?...

D. ENGRÁCIA

E que outro senão o senhor? Não é a primeira vez que isto acontece, o senhor para estas cousas faz sempre valer o seu prestígio de juiz de paz!

MAMEDE

Senhora, não manche o fitão da minha autoridade; dêsse raptado sei tanto como a senhora!

D. ENGRÁCIA

Há de ser isso!...

MAMEDE

Tenho cá minhas suspeitas, e daqui a pouco saberemos...

D. ENGRÁCIA

O que?!...

MAMEDE

O meu compadre Constantino foi averiguar o fato, e daqui a pouco a senhora verá que o juiz que pune com tanta severidade as escorregadelas alheias, não pode deixar de ser marido exemplar!

D. ENGRÁCIA

Para cá vem você de carrinho!... eu já o conheço seu disfarçado de uma figa!...

MAMEDE

Pois sim, sou lá o que tu quiseres! — Nem de propósito, aí vem o compadre: — escuta e julga-me!...

CENA III

Os mesmos e CONSTANTINO

CONSTANTINO (tirando o chapéu)

Saúde à minha comadre D. Engrácia e a meu compadre amigo

e Ilustríssimo Senhor Mamede de Sousa, muito digno juiz de paz desta freguesia, ex-professor de primeiras letras, com algumas noções de boticário, comandante da guarda nacional e futuro...

MAMEDE

Basta de cumprimentos. Dá-me conta da tua missão.

CONSTANTINO

Senhor, eu venho da casa do escrivão de V.S.!

MAMEDE

E o que há por lá?

CONSTANTINO

Grande fado de roda, muito foguete, caldo de cana, tudo para festejar o Santo de seu nome! V.S. bem sabe que hoje é véspera de S. João.

MAMEDE

E ele estava em casa?

CONSTANTINO

Não, senhor; saiu, há de haver quinze dias.

MAMEDE

Tem dormido fora?

CONSTANTINO

Creio que sim; mas eu encontrei-o no caminho, montado num burro.

MAMEDE

Donde vinha ele?

CONSTANTINO

Parece que vinha de longe.

MAMEDE

Vinha só?

CONSTANTINO

Não, senhor; trazia na garupa uma moça que me pareceu ser a D. Brígida, mulher do barbeiro Zeferino.

MAMEDE (a Engrácia)

Estás ouvindo?

D. ENGRÁCIA (com satisfação)

Ah! como isto é gostoso!

MAMEDE

Com que o tratante do Sr. Manoel João... E ele não ficou de cá vir?

CONSTANTINO

Eu disse-lhe que V.S. o esperava; creio que buço o seu carro de bois, aí vem ele!

MAMEDE

Bom! Saiam daqui, vou tratá-lo como merece.

D. ENGRÁCIA

Tu não me enganas, não é assim, meu Mamedezinho?... Não há mais nada, não é?

MAMEDE

Nada mais, minha consolação!

D. ENGRÁCIA

Ah! estou mais sossegada... vou comer meu tutú de feijão. (Sai)

MAMEDE

Vai, carrapato! (a Constantino) — Vê quando ele chega. (Consigo) — Com que essa tal Brígida é bonita, hein? Haveremos de ver isso!

CONSTANTINO

Aí vem êle, compadre. (Sai).

CENA IV

MAMEDE e MANOEL JOÃO

MANOEL JOÃO (com dois moleques na porta)

A madame está boa?

MAMEDE

Está comendo tutú de feijão.

MANOEL JOÃO

Glória ao muito poderoso juiz de paz desta...

MAMEDE

Dispense a fórmula, basta, basta.

MANOEL JOÃO (à parte)

Como êle me olha! Dar-se-á o caso que desconfie... Tratemos de adulá-lo... (alto) — Ah! Sr. Mamede de Sousa, muito digno juiz de paz desta freguesia e futuro deputado, quem deixará de invejar a sua sorte? Aquí, no seu sítio, tudo é pitoresco e ameno, nesta sala sente-se o perfume da sua justiça nos negócios mais intrincados da freguesia, lá fora sente-se o perfume do melhor alambique de cana que há por êstes arredores, o perfume do beijú, o perfume do capim melado, e na horta então! o perfume da alface, o perfume do repolho, o perfume da couve, o perfume do nabo, o perfume...

MAMEDE

Veja lá se me transforma a horta em loja de perfumaria!

MANOEL JOÃO

O homem está queimado! já lhe sinto o cheiro.



Vasques numa "charge" de Angelo Agostini.

MAMEDE

Pelo que vejo, o Sr. Manoel João, meu digno escrivão, acha isto por aquí muito cheiroso?!

MANOEL JOÃO

Senhor!...

MAMEDE

Não se faça Manoel de Sousa! seu comportamento é de um refinado tratante.

MANOEL JOÃO

Sr. juiz de paz, eu nunca escorreguei no exercício das minhas funções.

MAMEDE

Levas uma vida de Lopes! Que fazem êstes dois patuscos na tua companhia?

MANOEL JOÃO

Trazem o meu almôço, pelo sim, pelo não. Vinho do Pôrto fino e peixe a Peixoto!

MAMEDE

Vinho do Pôrto fino! (*examinando a garrafa*) — Novidade de 1830! E peixe a Peixoto?!... E entretanto na casa do juiz de paz só se come carne sêca com feijão e só se bebe caçaça!

MANOEL JOÃO

Perdão, Sr. juiz, é que eu não gosto de cousas insípidas, preciso de estimulantes. Pimenta, muita pimenta!

MAMEDE

Por isso é que o senhor anda tão ardiloso!

MANOEL JOÃO

Eu, senhor?!

MAMEDE

O senhor, sim! Ora diga-me cá, o que tem feito há 15 dias?

MANOEL JOÃO

Tenho estado no meu insípido sítio, naquele casebre insupportável! Lá não se sente como aqui o cheiro das couves, o cheiro de...

MAMEDE

Mente! O senhor disfarçou-se em fabricante de mel d'abelhas por atacado e atacou a honra de uma família raptando uma espôsa a seu marido!

MANOEL JOÃO

Eu, senhor? Nunca escorreguei no exercício das minhas funções!

MAMEDE

Não negue! Não negue! sei tudo!

MANOEL JOÃO

Mas isso não é verdade!

MAMEDE

Silêncio! Falo eu, ou rincha um carro?

MANOEL JOÃO

Senhor!...

MAMEDE

Não quero discussões! Perante mim tudo treme!... (Ouvem-se gritos) — O que será isto?

MANOEL JOÃO

Não são por certo gritos de obediência.

CENA V.

OS MESMOS E TODOS DA PRIMEIRA CENA

(Entram em desordem)

CÔRO

Fora, fora a caçoada!
Abaixo com a tal chalaça!
Todos os dias cachaça!
Sempre a negra feijoada!

D. ANA

Basta de cana.

CÔRO

Fora!
Abaixo com a tal chalaça!
Sempre a negra feijoada!
Fora, fora a caçoada.

MANOEL JOÃO

Eu à sombra do traquete
Vou ferrar meu joanete.

QUINQUIM

Este licor faz mal a amor.

CÔRO

Basta de cana.

D. ANA

Este licor faz mal a amor.

CÔRO

Mal a amor.

SENHORAS

Fora a negra feijoada,
Não mais sirvam comidas tais.

CÔRO

Fora a feijoada.

MANOEL JOÃO

Êles têm razão, tais
Feijoadas, já passam de ruins
E são desgraçadas.

CÔRO

Abaixo com a tal chalaça,
Fora, fora a caçoada!
Abaixo com a tal chalaça,
Todos os dias cachaça!
Sempre a negra feijoada.

D. ANA

Basta de cana!

CÔRO

Fora com a caçoada.
Abaixo com a tal chalaça,
Todos os dias a cachaça.
Abaixo a negra feijoada.

(falado)

MAMEDE

Olá, vamos a ter república?!

TODOS

Sim, sim!...

MAMEDE

Perdem o respeito a papai Mamede?!... Não querem mais
cachaça, nem feijão?...

TODOS

Não!... Não!...
Queremos empadinhas
De palmito e camarão!

DEOLINDA

Eu quero ostras de forno!...

QUINQUIM

Eu quero uma lata de orchata, de pevides de melancia, que se
vende no Braguinha da Fama!...

MANOEL JOÃO

Êles têm razão!... êles têm razão!...

MAMEDE

Ah!... revoltam-se? E não se envergonham de pôr à sua
frente o escrivão mais canalha que eu conheço?!

MANOEL JOÃO

Senhor, eu não sou canalha!

MAMEDE

Sim, um miserável que anda fazendo mascaradas para raptar
as mulheres aos seus maridos!...

TODOS

Contai-nos isso, contai-nos isso!

MANOEL JOÃO

Não acreditem!...

MAMEDE

Querem nomes?

MANOEL JOÃO

Citel... ci... tel

MAMEDE

Citaremos... ci...taremos!... Éle acaba de raptar a mulher do Zeferino, barbeiro, a formosa Brígida.

MANOEL JOÃO

Não acreditem!

DEOLINDA

E o que tem isso, meu mano?

MAMEDE

O que tem?! E a moral! e os artigos dos jornais da oposição?

MANOEL JOÃO

Perdão, Sr. Mamede, lá a respeito de moral, creio que o Sr. juiz não dá o seu quinhão ao Vigário.

D. ENGRÁCIA (*vindo a êle*)

Então, é o que eu dizia ou não?

MAMEDE

Eu? nunca!... Sempre fui bom espôso, bom pai, bom juiz e bom comandante da guarda nacional.

MANOEL JOÃO

Ah! V.S. fala no que eu fiz? E se lhe lembrassem o que tem feito?

D. ANA

Oh! eu sei coisinhas a respeito do nosso juiz, que são mesmo de encher o ôlho!...

E eu!

DEOLINDA

E eu então?!

QUINQUIM

TODOS

E nós todos!

QUINQUIM

Até compusemos uma modinha a êsse respeito!

MAMEDE (*querendo sair*)

Com licença, vou ver se os negros já cortaram a mandioca.

MANOEL JOÃO

Não há de sair sem ouvir a modinha.

TODOS

Apoiado! apoiado!...

D. ENGRÁCIA

Será êsse o teu castigo.

D. ANA

Quiseste um dia beijar
A mulher do capitão!
E êste sem mais aquela
Deu-te um grande bofetão!
Ah, ah, ah.

A barata foi andando,
Deu um grande escorregão.
Ah, ah, ah!

CÓRO

Ah, ah, ah!
A barata foi andando,
Deu um grande escorregão.

MARQUES

Pulando certa janela,
Por causa duma Joana,
O nosso juiz um dia

Caiu de ventas na lama!
Ah, ah, ah,
Arreda do caminho,
Fuzileiro quer passar.

CÔRO

Ah, ah, ah,
Arreda do caminho,
Fuzileiro quer passar.

DEOLINDA

Quando andavas namorando
A viúvinha Ribeiro,
Foste agarrado uma noite,
Escondido no chiqueiro!
Ah, ah, ah,
Quem nunca comeu azeite
Quando come se lambuza!

CÔRO

Ah, ah, ah,
Quem nunca comeu azeite,
Quando come se lambuza!

QUINQUIM

Ao mestre escola quiseste
Encaixar no rol dos tolos,
Porém êle — mais esperto,
Deu-te uma dúzia de bolos!
Ah, ah, ah,
Mulata da Baía
Sempre come vatapá!

CÔRO

Ah, ah, ah,
Mulata da Baía
Sempre come vatapá!

MANOEL JOÃO

Que lhe fique esta de emenda,
Que lhe preste, senhor juiz,
Na vida alheia não meta
Nunca mais o seu nariz!
Ah, ah, ah,
Rato na casaca,
Camondongo no chapéu!

CÔRO

Ah, ah, ah,
Rato na casaca,
Camondongo no chapéu!

*(Falado)*D. ENGRÁCIA *(furiosa)*

Ai! eu arrebento!... Monstro!... desavergonhado!... Eu
bem dizia! Quero-me desquitar!... *(Desmaia nos braços de
Manoel João)*

MAMEDE

Ora, aí está, eu não dizia? Agora aguentem-na.

MANOEL JOÃO

Eu largo-a no chão!

MAMEDE *(batendo-lhe nas mãos)*

Nenê, juro-te que foi antes do nosso casamento.

D. ENGRÁCIA

Ai! ai! ai!

MANOEL JOÃO

Olhe que eu largo-a no chão.

MAMEDE

Não acredites, nenê, são calúnias! Eu nunca gostei senão de
ti! *(A Manoel João)* — És um caluniador! um patife!

MANOEL JOÃO

Está bom, basta!... Mas olhe que eu já não posso mais, isto é fazenda de lei!

CENA VI

OS MESMOS E CONSTANTINO

CONSTANTINO

Compadre! oh, compadre!

MAMEDE

O que é que temos ainda?

CONSTANTINO

Duas pessoas que lhe pedem audiência.

MAMEDE

Como se chamam?

CONSTANTINO

O Zeferino, barbeiro... (*Engrácia levanta-se vivamente dos braços de Manoel João*).

MANOEL JOÃO

Oh! diabo! o Zeferino aqui?! Mas olhe que eu já não posso!
Ah! já está boa?

MAMEDE (*à parte, encarando Manoel João*) —
Vou ensinar-te, grandíssimo patife!

CONSTANTINO

E o Chico da venda.

MAMEDE

A Opinião Pública!... O pedestre que ainda há poucos dias esteve na cidade! Meus filhos, suspendamos as questões domésticas!

MANOEL JOÃO

Não os receba!

TODOS

Recebei-os, recebei-os...

MAMEDE

Por força!... Sou juiz de paz e hei de fazer justiça a todos!... Já tens medo, tratante?...

MANOEL JOÃO

Eu, senhor, nunca escorreguei no exercício das minhas funções! (*gritando*) — Podem entrar!

MAMEDE

Quem é que lhe deu licença para dar ordens em minha casa?!... Podem penetrar! (*Aos mesmos*) — Vocês não façam asneiras! A Opinião Pública aí vem, portem-se com decência! Onde está o meu fitão?... A minha casaca dos domingos?... Quero aparecer com todo o meu esplendor!... (*grande movimento*) — *trazem-lhe a casaca e o fitão* (*a ela*) — Deolinda, aqui à minha direita — sinhá D. Ana, aqui à minha esquerda!...

E eu?

MANOEL JOÃO

MAMEDE

Tu, miserável, senta-te no chão com as tuas vergonhas.

E eu?

D. ENGRÁCIA

MAMEDE

Fica lá onde quiseses, ao lado do capitão Antônio Marques! Decência e mais decência! Sr. Quinquim, não me faça alguma das suas! Sr. capitão, deixe-se de dar beliscões na mana!

MANOEL JOÃO

Podem penetrar!

MAMEDE

Não, senhor! Entrem! *(Sai Constantino e volta com Zeferino e o Pedestre).*

CENA VII

OS MESMOS, ZEFERINO E O PEDESTRE

MANOEL JOÃO

Ei-lo aí, com que presteza
 Ele vem!... Ei-lo aqui está.
 Oh, diabo! com certeza
 Já me sinto mal por cá.

(Todos ao mesmo tempo)

Ei-lo aí, com que presteza
 Ele vem!... Ei-lo aqui está.
 Oh, diabo! com certeza
 Já me sinto mal por cá.

ZEFERINO

Já me sinto atrapalhado,
 Não me envolvas nesta intriga;
 Sem almoço, já cansado,
 Tenho dores de barriga.

PEDESTRE

Vamos, anda, sai daí,
 Caminha sempre sem mestre,
 Está suspensa sobre ti
 A vingança de um pedestre.

MAMEDE

Ei-lo aí, com que presteza
 Ele vem!... Ei-lo aqui está;

Vou tomar tua defesa,
 Infeliz barbeiro, já.

OS MAIS

Atentai, observai,
 Olhai, escutai.

SENHORAS

Ele vem!

HOMENS

Atentai.

SENHORAS

Ei-lo aí.

HOMENS

Observai.

ZEFERINO

Ei-lo aqui está.

TODOS

Ele vem.

HOMENS

Observai.

SENHORAS

Aqui está.

HOMENS

Escutai.

ZEFERINO

Ei-lo aqui está.

MAMEDE

Que quer, senhor Zeferino?

PEDESTRE

Não te faças de menino,
Anda pra ali, vai suplicar
Ao nosso juiz protetor,
Ir, do escrivão, sem temor,
A cara espôsa tirar!

ZEFERINO

Faz-me matar.

PEDESTRE

Obedecei.

ZEFERINO

Quero justiça e mais nada.

SENHORAS

Sua mulher lhe foi roubada.

ZEFERINO

Minha mulher me foi roubada.
Ali está o meu ladrão!

MAMEDE

Quem?

ZEFERINO

O meu ladrão!

TODOS

O Manoel João!
O seu ladrão!

MAMEDE

O Manoel João!

Sem mais detença
Eu vou dar a sentença,
Castigando o crime
Tão provado!
A entregar-lhe Brígida
Ele é condenado!

ZEFERINO

Oh! céu! ele ma entregou!

MANOEL JOÃO

Oh! céu! ele ma roubou!

MAMEDE

E por mais observar o que eu estou dizendo
A casa do escrivão vamos correndo!

SENHORAS

Do escrivão!

HOMENS

Do escrivão!

ZEFERINO

Do escrivão!

SENHORAS

Convosco nos levai, senhor juiz, também.

MAMEDE

Pois sim, eu levarei o quanto a justiça tem!

CÔRO

Viva o Sr. Mamede
Que não nos deixa aqui sós!

MAMEDE

Sim, sim, sim, sim, sim, sim.

O ATOR VASQUES

Viva o Sr. Mamede,
Que não nos deixa aqui sós!
Como bom pai, a seus filhos cede,
Ele não quer partir sem nós!

SENHORAS

Partamos!

HOMENS

Partamos!

SENHORAS

Partamos!

CÔRO

La, la, la, la,
Partamos.
La, la, la, la,
Partamos, corramos,
Ah, la, la, la, la,
Partamos, corramos!
(Ao mesmo tempo em côro)

ZEFERINO

Ail que de tôda esta seca,
Faz-me levar a breca!
Meu amor, minha rabeca!

MANOEL JOÃO

Tenho horror de tanta seca!
Eu levo de certo a breca,
Com a mulher do tal rabeca!

PEDESTRE

Feliz eu sou, contente estou!
Porque a razão já triunfou!
Graças, meu Deus, graças.



Vasques em várias criações.

CÔRO

Fica em descanso o tal feijão!
Vamos brincar nessa função,
Em honra e louvor de São João.

La, la, la, la,
Partamos!
La, la, la, la,
Partamos, corramos!
Ah, la, la, la, la,
Partamos.
La, la, la, la, la.

MARQUES

Oh! pois corramos lá.

CÔRO

Corramos lá.

MAMEDE

Sim, partamos, sim.

CÔRO

Partamos já.
Oh! pois corramos lá.
Corramos lá, sim, sim,
Partamos, corramos,
Partamos já.

HOMENS

Partamos, corramos.

La, la, la, la,
Partamos.
La, la, la, la,
Partamos.
Sim, partamos já.
Fica em descanso o tal feijão.

Vamos todos brincar nessa função,
Em louvor de São João!
(*Grande passeio, etc.*)

FIM DO SEGUNDO ATO

A T O 3.º

UM IMPERADOR DO DIVINO. O JUIZ DE PAZ
TRANSFORMADO EM GALO.

Um quarto particular de casa de roça.
Poleiro à esquerda.

CENA I

BRÍGIDA, só

Ninguém!... só, sempre só! Aborreço-me sofrivelmente em companhia dêste palerma do feitor! se isto continua, vou chorar por meu marido e pelo seu instrumento. Alguém! Ainda êle!...

CENA II

BRÍGIDA e JOÃO

JOÃO

Ela é tão bonitinha, se eu me atrevesse...

BRÍGIDA

Ainda tu? Que me queres?

JOÃO

Pensei que a senhora me tinha chamado.

BRÍGIDA

Eu, não.

JOÃO

Pois olhe, fêz mal!

BRÍGIDA

Por que?

JOÃO

Porque eu gosto quando a senhora me chama; a chama que eu tenho no peito sossega tôdas as vêzes que eu sou chamado pela senhora! (*à parte*) — Ela é tão bonitinha!... (*voltando-se para ela*) — A senhora me chamou?

BRÍGIDA

Vai-te para o diabo!

JOÃO

Ah! eu sou muito infeliz!

BRÍGIDA

E que me importa?

JOÃO

Ora, imagine a senhora que eu tenho um coração muito sensível, em vendo mulher fico logo pelo beijo, e por isso...

BRÍGIDA

O pateta vai contar-me os seus amores!...

JOÃO

Tenho apenas um defeito, minha senhora, embebedo-me poucas vêzes e a miúdo!

BRÍGIDA

Não é doido... é bêbado!

JOÃO

Agora que a senhora me conhece como se me tivesse dado à luz... (*quer abraçá-la*).

BRÍGIDA

Salta daqui para fora, senão vou-te às ventas!

JOÃO

Ah! a senhora me repele, porque eu sou feitor! Já fui muito rico!... Meu pai era fazendeiro, minha tia tinha dois engenhos, e quando eu era criança não havia um só ano em que eu não fôsse Imperador do Divino — nas festas do Espírito Santo!

BRÍGIDA

E o que te ficou de tudo isso?

JOÃO (*canta*)

Quando eu era pequenino,
Que jogava o meu pião,
Imperador do Divino
Eu o fui por muita vez!
A festa durava um mês,
Era grande a tal função,
Eu era lindo menino,
Me chamavam — nhô Janjão,
Quando eu era pequenino!

Como um rei, tinha um estado,
Quando estava no Império.
O meu servo era um soldado,
Com sua tocha na mão!
Depois de um grande leilão,
Vinha o grande Desidério.
Atacar o fogo armado,
Para minha consolação,
Quando eu era pequenino!

BRÍGIDA

Vai-te embora, estás cheirando a cachaça.

JOÃO

Agora é que viu isso? eu não lhe disse, ainda há pouco... mas o que a senhora não sabe é que eu me embebedo com água!

BRÍGIDA

Com água!...

JOÃO

Sim, senhora, com água... ardente! Bebo até cair, para me esquecer que já fui rico e que hoje não tenho mico!

BRÍGIDA

A idéia nao é má!

JOÃO

E' a idéia do homem que já teve escravos, fazendas, que já foi Imperador do Divino Espírito Santo, e que já teve tôdas as comodidades da vida! Quando penso nisto bebo para esquecer e para me aquecer! Só há uma coisa que eu não posso esquecer nem aquecer, ainda que eu bebesse aguardente de tôdas as engenhocas cá da freguesia — é a sua pessoa!

BRÍGIDA

Insolente!

JOÃO

Oh! pela senhora eu renuncio a aguardente! sou capaz até de... (*barulho*) — Oh! diabo, aí vem meu amo!

BRÍGIDA

Que barulho é êste?

JOÃO

Não é nada, é preciso ir para o paiol.

BRÍGIDA

Não quero!

JOÃO

São ordens que tenho, senão vou para o meio da rua.

BRÍGIDA

Mas enfim, até quando durará isto?

JOÃO

Não sei.

BRÍGIDA

Ah, seu Manoel João, tu me pagarás.

JOÃO

Vamos, vamos. (*Brígida entra*) — Safa, que era tempo.

CENA III

JOÃO, MAMEDE E MANOEL JOÃO

MANOEL JOÃO

(consigo, empurrando a Mamede) — Não está aqui, João teve tempo de escondê-la.

MAMEDE

Não seja malcriado, não empurre as visitas. Principalmente quando elas são da minha qualidade.

MANOEL JOÃO

Eu, senhor?

MAMEDE

Tu, sim! Onde estamos nós?

MANOEL JOÃO

No meu quarto particular, onde venho gozar alguns instantes de repouso.

MAMEDE

De repouso, hein? (*à parte*) — Estou certo que ela está aqui. (*procura*).

MANOEL JOÃO

Perdeu o nariz, Sr. juiz?

MAMEDE

Não, estudo o teu — quarto particular —, acho-o mesmo bonito! Quero mandar fazer um igual lá na fazenda. Creio que ele é favorável ao repouso e aos amores! Hein, maganão?...

MANOEL JOÃO

Aos amores? Eu não sou homem que me deixe levar por essas coisas, sr. juiz.

MAMEDE

Devêras, hein? Ah, tratante! (*Vendo que Manoel João faz sinais a João*) — Mas que diabo é isso, você está a fazer-me figas por detrás?

MANOEL JOÃO

Eu, senhor?

MAMEDE

Estavas fazendo sinais... Que diabo vem a ser isto?!

MANOEL JOÃO

Isto, o que?

MAMEDE

Este côdea, este estafermo, com cara de macaco?

MANOEL JOÃO

Este é o meu cão de fila, o meu íntimo, a quem confio tudo!

MAMEDE

Tudo! (*a João*) — Onde está ela?

MANOEL JOÃO (*fazendo sinais a João para que se cale*) —
Ela quem?

MAMEDE

A mulher do barbeiro, com trezentos mil diabos!

MANOEL JOÃO

Pois é possível que ainda acredites que eu raptasse essa moça?

MAMEDE

Sem dúvida! Dá-me lugar que eu quero tossir!

MANOEL JOÃO

Pois tussa, seu Mamede! tussa! (*à parte*) — Podes tossir à vontade, estas paredes são grossas! (*Alto*) — Tussa, seu juiz, tussa!

MAMEDE (*encontrando a fechadura*)

Oh! uma fechadura! Ela está aqui, estou bem certo disso.

MANOEL JOÃO

Então, já tossiu?

MAMEDE

Já, já tossi. (*à parte*) — Oh! eu acharei um meio de penetrar aqui!

MANOEL JOÃO

Vamos, Sr. Mamede, o fado não começa sem V.S. lá chegar; eles devem estar à nossa espera.

MAMEDE

Sim! Vamos! Começo a crer que o tal rabequista das dúzias, quis se divertir à minha custa! Restituo-te a minha amizade!

MANOEL JOÃO

Eu já sigo a V.S. (*fala baixo com João*).

MAMEDE (*consigo*)

Oh! que idéia! vou introduzir-lhe um bilhete pelo buraco da fechadura, e logo volto com o costume que me serviu no último baile de máscaras.

MANOEL JOÃO (*à parte*)

Não o percamos de vista, ele é fino como lã de cágado! E' capaz de voltar! (*Alto*) — Às ordens de V.S.! (*Partem os três*).

CENA IV

BRÍGIDA, só

(*Com o bilhete na mão*) — Pareceu-me ouvir passos e vozes! Ninguém! Que quer dizer êste bilhete! (*Lendo*) — "Mamede de Sousa, Juiz de paz da freguesia!" Pensará alguém em mim?! Dou a vida a quem me tirar daqui!

CENA V

BRÍGIDA e MAMEDE

BRÍGIDA

Um doce abalo
No ombro acabo de sentir!

MAMEDE (*vestido de galo*)

Do meu papel representante,
Caluda, sim, é prosseguir!
Não posso ao meu papel mentir. (*imita o galo*)

BRÍGIDA

Oh! que lindo galo!
Có, có, có, có.

BRÍGIDA

Que doce cantar!
Oh que lindo galo,
Que doce cantar!

MAMEDE

Eu fiz-lhe abalo,
Vamos continuar.

BRÍGIDA

Que doce cantar!

MAMEDE

Eu fiz-lhe abalo,
Vamos continuar.

BRÍGIDA

Que lindo galo!
Meu galinho de asa dourada,
Queres comigo aquí viver?

MAMEDE

Có, có, có, có, có, có. (*galo*).

BRÍGIDA

Eu te darei carne assada,
Muito bom milho hás de comer.

MAMEDE

Có, có, có, có, có.

BRÍGIDA

Não deixes mais êste covil,
Fica e farei tudo por ti.
Eu te amarei, galo gentil,
Oh, fica aquí, eu te amarei.
Fica, eu farei tudo por ti.

MAMEDE

Quando quer fazer-se amar
E' bom deixar-se desejar.

BRÍGIDA

Ei-lo, aquí está na minha mão.

MAMEDE

Ainda não, ainda não.

BRÍGIDA

Oh, que maldoso, oh, que maldoso.

MAMEDE

Asas tomei por ardiloso.

BRÍGIDA

Oh, que maldoso, oh, que maldoso.

MAMEDE

Asas tomei por ardiloso.

(*Ao mesmo tempo*)

BRÍGIDA

Que só procura me escapar.

MAMEDE

Eu posso bem delas usar.

BRÍGIDA (*seguido*)

Embalde intentas agora me fugir.
Pois eu te apanharei.

MAMEDE

Atenção!

BRÍGIDA

Ei-lo aquí preso,
Vou-lhe cortar as asas!
Ei-lo aquí preso.

MAMEDE

Eu com certeza
E' que te cortei as vasas.

BRIGIDA

Canta, canta!

MAMEDE

(*Imita o galo*).

BRIGIDA

Canta, canta!

MAMEDE

(*imitação. Os dois ao mesmo tempo*).

BRIGIDA

Preso estás, trampolineiro!
Imediatamente fechar
Eu te vou no galinheiro.
Não me hás de escapar.

MAMEDE

Eu não sou trampolineiro,
Não precisas me fechar,
Dentro do teu galinheiro
Eu não procuro escapar.

BRIGIDA (*agarrando-o*)

Até que te apanhei! E' escusado resistir, não te largo mais!
Olhem, como êle é bonito! Que bico tão engraçado! que esporão tão agudo! E a crista como é vermelha!

MAMEDE (*caindo de joelhos*)

Pois bem, tudo isto é teu se quiseres...

BRIGIDA (*assustada*)

Um galo falando! quem me acode! quem me acode! (*grita*).

MAMEDE

Cala-te: eu sou galo, mas não sou galo! Tomei êste disfarse para arrancar-te das garras do escrivão, que faz gala em ter-te presa!

BRIGIDA

Devéras?! Mas já que você não é galo, que espécie de animal é então?

MAMEDE

Eu sou juiz de paz da freguesia! Teu amante, Mamede de Sousa!

BRIGIDA

Então êste bilhete é teu?

MAMEDE

Sim, é meu! Ah! minha bela, se eu te conhecesse há mais tempo, tinha-te raptado antes do Manoel João, levar-te para a minha fazenda, e sentada à minha direita assistirias às minhas audiências.

BRIGIDA

Uma audiência! Nesse caso leva-me contigo.

MAMEDE

E' preciso não causar suspeitas! Eu volto para o grande fado que se está dansando no terreiro. Encontra-te lá comigo.

BRIGIDA

Como?

MAMEDE

Disfarsa-te de alguma maneira, e quando acabar o pagode levo-te na minha garupa.

BRIGIDA

Está tratado. Adeus, Mamede, espera-me na tua garupa.
(*Sai E.*)

CENA VI

JOÃO bêbado, depois MANOEL JOÃO

JOÃO

Olha o galo! olha o galo!... Brrr... terrr... brrr... trrr...
(chamando o galo, quer apanhá-lo e vendo que êle foge, começa a cantar).

Quando eu era pequenino...

MANOEL JOÃO (entrando apressado)

O galo! onde está o galo? João, não viste o galo?!

JOÃO

O galo?!... qual galo?!...

MANOEL JOÃO

O galo do juiz de paz!

JOÃO

Juiz de paz? (canta)

Que jogava o meu pião...

MANOEL JOÃO

Onde está Brígida?

JOÃO

Brígida? (canta)

Imperador do Divino.

MANOEL JOÃO

Ah! o miserável já está bêbado! Foi por isso que a deixou fugir! João, oh! João! meu fiel, lembra-te ao menos onde está a chave do paiol!...

JOÃO

A chave?... O paiol!... (canta)
Eu fui por muita vez!

MANOEL JOÃO

Oh! isto é para um homem dar com a cabeça nas paredes.
(ouve-se a voz de

BRÍGIDA que canta dentro)

Meu galinho de asa dourada,
Queres comigo aqui viver?

MANOEL JOÃO

Oh! esta é a sua voz, então não partiu! (gritando) — Manoel, Joaquim, Antônio, fechem a cancela, não deixem sair ninguém, (a João) e tu vens comigo.

JOÃO (sempre no mesmo lugar — canta)

Quando eu era pequenino,

Que jogava o meu pião,

Imperador do Divino

Eu o fui por muita vez!

A festa durava um mês,

Era grande a tal função!

Eu era lindo menino,

Me chamavam — nhô Janjão,

Quando eu era pequenino!

MANOEL JOÃO (antes de acabar o canto)

Oh! isto não é um homem, é um pilão de socar café! Sai daqui, canalha! (dá-lhe um pontapé, João cai, de barriga para baixo, cantando ainda, e Manoel João fica fazendo o gesto de moer café num pilão).

FIM DO TERCEIRO ATO.

A T O 4.º

NOITE DE S. JOÃO EM CASA DE MANOEL JOÃO

Uma varanda deitando para um terreiro, preparado para a festa de S. João — fogueiras — mastro, etc. etc. — mesa no meio da cena, cadeiras, etc..

CENA I

TODOS, menos ZEFERINO e PEDESTRE

(BRÍGIDA está vestida de baiana, os mais estão sentados à roda da mesa, bebendo e folgando, uns atacam bichas, outros rodinhas, etc. etc.).

TODOS

Viva e reviva, viva o S. João!
E' fora quem disser que não!
E viva o pagode,
Que molha o bigode
Daquele que mais pode,
Bebendo em porção
Dizer que o nariz
Do Mamede juiz
Já está por um tris
Como um pimentão!

UMA VOZ

Como um pi... mentão!

CÔRO

Já está por um tris
Como um pimentão!
Viva e reviva, viva o S. João!
E fora quem disser que não!
Viva, reviva o S. João!
E fora quem disser que não!
Viva S. João!

MAMEDE

Eia, pois, bela baiana!
Da La-Grange tu és a rival!
Põe tudo isto em pantana
Com tua voz divinall!
Põe tudo em pantana!



Miniatura da paródia "Orfeu na Roça", de onde a transcrevemos.

CÔRO

Com tua voz divinal!
Põe tudo isto em pantana!

BRÍGIDA

Eu vi o Inglês, deitado!
Lá na porta da venda!
Eu nunca o tinha visto
Com tão grande muafa!
Apenas cozinha uma,
Logo outras emenda,
Repetindo a garrafa!

D. ANA

Repetindo a garrafa!

QUINQUIM

Repetindo a garrafa!

BRÍGIDA

Oh, yes!

CÔRO

Lá diz o God-enemy!

BRÍGIDA

Oh, yes!

CÔRO

Viva a sua lei.

BRÍGIDA

Oh, yes!

CÔRO

Que faz a quem bebe.

BRÍGIDA

Oh, yes!

CÔRO

Julgar que é rei.
Oh, yes!
Julgar que é rei!

BRÍGIDA

Oh, yes!

CÔRO

Julgar que é rei.

BRÍGIDA

Oh, yes, yes!
Que é rei.

CÔRO

Julgar que é rei.
Agora prá mostrar
O quanto leve sou,
Como dantes, dansar
Um fadinho eu vou.
(Segue o minuete).

MAMEDE (a Brígida, baixo)
O pateta do escrivão não te conheceu! Depois do fado, fa-
remos ablativo de viagem!

MANOEL JOÃO (à parte)
O tratante do juiz de paz pensa que eu não conheci a baiana.
Mas eu estou com o olho neles.

CÔRO

(Diz unicamente) — La, la, la, etc. (ao mesmo tempo que é
cantado por):

MAMEDE

Uma, duas, angolinhas,

Finca pé na pampolinha,
O rapaz que jôgo faz?
Faz o jôgo do capão.
Conta bem, Mané João,
Quantos vinte, vinte são.
Arrecolhe êsse pèzinho,
Da conchinha duma mão.

Ai, uê, mamê,
Ai, uê tatê,
Gato camongira,
Deixa sinhora passar.

Uma, duas, angolinhas!
Finca o pé na pampolinha!
O rapaz que jôgo faz?
Faz o jôgo do capão!

(Todos fazem o jôgo a que se refere êste canto ao som do
minuete — segue o galope. Todos cantam e dansam):

Ai, uê, mamê!
Ai, uê, tatê!
Gato camongira,
Deixa sinhora passar.

(Na quarta vez corta-se a palavra — sinhora).

BRÍGIDA (a Mamede)

E agora, partamos!

MAMEDE

Sim, pernas, para que te quero!

MANOEL JOÃO (impedindo)

Então, para onde é a viagem?

Uê!

BRÍGIDA

MAMEDE

Que queres, patife?

MANOEL JOÃO

Ah!... Julgas que sob êste vestuário de baiana eu não reconheci a mulher...

MAMEDE

Que tu não tinhas raptado, não é verdade, meu tratante?!

MANOEL JOÃO

Sim, mas estou bem arrependido disso!

BRÍGIDA

Que diz êle?

MANOEL JOÃO

Digo que me pusestes ar nas pernas... (emendando-se) — quero dizer, de pernas para o ar! Mas, teu marido aí vem!

BRÍGIDA

Meu marido! Já não me lembrava dêle!

MAMEDE

E que importa o marido?! — Êle é marido, mas eu... sou juiz de paz!

MANOEL JOÃO

E a promessa que lhe fizeste?

MAMEDE

Oh! diabo! que fui eu prometer!

MANOEL JOÃO

Está tudo embrulhado; e para os embrulhar ainda mais não falarei senão em verso! (ouve-se o toque da rabeca de Zeferino, que se aproxima pouco a pouco).

Tu sabes, mulher, quem toca êste hino?

BRÍGIDA

Eu sei, sim, senhor, é o Zeferino!

MANOEL JOÃO

Que me amava, me disse ela, em segrêdo!
E me deixa agora aqui, chuchando o dedo!
Mulher pura e fiel não há, nem houve,
Assim como não há horta sem ter couve!
Mestre escola da roça sem cavalo,
E sineta de convento sem badalo!

BRÍGIDA

Seu Mamedel

Descansa, pobre anjo, fiz meu plano!
Deixa-me refrescar! Dá-me êsse abano!
(Alto) - Meus filhos, não ouvís êste sussurro?
E' o Chico que chega no seu burro!
(À parte, com sentimento)
Pobre burro, que grande estafa chupa!
O barbeiro vem montado de garupa.

CENA II

OS MESMOS, ZEFERINO e o PEDESTRE,
montados num burro

ZEFERINO (apeando-se da garupa - ao pedestre que também se apeia).

Que remédio, seu Chico, eu hei de dar-lhe,
Não podendo as ventas esmurrar-lhe?
Mas tu queres, eu vou! — Sr. juiz?!

MAMEDE

Não meta agora aqui o seu nariz!
Sua mulher queria desquitar-se...
Do senhor ela queria separar-se,
Mas, de acôrdo comigo e o escrivão,
Sua mulher quer outra vez a reunião!

ZEFERINO (*com hipocrisia*)
Só pode neste mundo ser feliz
Quem possuiu escrivão e tal juiz!

MAMEDE
Porém olha que aqui há bico dobra!
Inda que vejas no chão alguma cobra,
Não te voltes, se um caso tal se der
Prá sempre perderás tua mulher!

MANOEL JOÃO
Mas isto, Sr. Mamede, não se faz!

MAMEDE (*impondo silêncio*)
Scio... Eu sou aqui o rei! Sou juiz de paz!
Tua mulher te segue, tem cuidado!
Ora passe muito bem!

ZEFERINO (*apertando-lhe a mão*)
Muito obrigado.
(*Marcha na orquestra. - Brígida aparece pela mão de João. -
O Pedestre, dirigindo-se a Zeferino, canta*).

PEDESTRE
Não olhes atrás. Eia, avante,
A quinze passos fixa o olhar,
O mundo neste instante
Já por nós vejo esperar.

TODOS
Em que embaraço o barbeiro está,
Ele se voltará! Não se voltará?!
Em que embaraço o barbeiro está!
Voltará? Não voltará?!

MAMEDE
Em tal nunca pensei,

PEDESTRE
Oh! que vitória de arromba!

Por curioso o tomei!

MAMEDE
Não se volte, não se volta?
Peor! ataco-lhe uma bomba!

(*Faz o que diz. Zeferino volta-se; todos que têm subido
nessa ocasião, descem agora*).

TODOS (*ao estrondo da bomba*)
Ah!

PEDESTRE
Desgraçado! Que fostes fazer?

ZEFERINO
Seu Chico, foi sem querer!

MANOEL JOÃO
Tua esposa não mais voltará.

ZEFERINO
Afinal não fiz asneira!

MANOEL JOÃO
Prá quem fica?

MAMEDE
Prá ninguém!
E será d'Ajuda freira!

TODOS
Será d'Ajuda freira!

MANOEL JOÃO
Tenha mão, sr. Juiz, tenha mão! Esta mulher é propriedade

do barbeiro! Procedendo dessa forma, vai de encontro à constituição, ela diz que o asilo do cidadão é inviolável!

MAMEDE (*com importância*)

E o que tem isso? Eu não sou juiz de paz?! Revogo a constituição!

TODOS (*têm-se munido, uns de viola, outros de violão, guitarra, adufos, pandeiros, etc. etc., gritando*) —
Vamos ao fado! Vamos ao fado!

MAMEDE

Apoiado, apoiado, vamos ao fado! (*Segue o fado*)

TODOS

Quebra, quebra, bem quebrado
O fadinho brasileiro.
Numa roda dêste fado
Tudo fica prisioneiro. (*Dansam*).

MANOEL JOÃO

Eu sou homem muito sério,
Estas coisas não atijo
Mas ouvindo o violão
Caio logo no serviço.

CÓRO

Quebra, quebra, etc. etc. (*dansam*).

INGLÊS

Oh! yes! mim também
Quer fazer sua papel,
Quando mim dance êste cose
Thank-you estar Very-well.

CÓRO

Quebra, quebra, etc. etc. (*dansam*).

MAMEDE

Quebra, quebra, minha gente,
Já não sou juiz de paz!
Quando caio no fadinho
Sou um homem como os mais!

CÓRO

Quebra, quebra, etc. etc. (*dansam*).

BRÍGIDA

Tomara achar quem me diga,
Quem é que pode aguentar
A mocinha brasileira
Na fadinho a requebrar!

CÓRO

Quebra, quebra, etc. etc. (*dansam*).

F I M